



HIPERTEXTO E O TRABALHO DO HISTORIADOR: POSSIBILIDADES DE INVESTIGAÇÃO MEDIANTE FONTES VIRTUAIS

Hypertext and the work of the historian: possibilities for research using virtual sources

El hipertexto y el trabajo del historiador: posibilidades de investigación a partir de fuentes virtuales

Fernando Mendes Coelho¹

Resumo: A internet abriu uma rede de possibilidades para o trabalho historiográfico. Surgiu um ambiente onde as pessoas discutem, interpretam, escrevem e registram o passado. Com a popularização da internet, os historiadores se deparam com o desafio de trabalhar com as fontes virtuais. Neste campo, no qual as metodologias de análise das fontes tradicionais precisam ser repensadas, discuto maneiras de intervenção em fontes hipertextuais. A proposta é refletir sobre o hipertexto e suas ramificações, e subsidiar o historiador para o trabalho de seleção de fontes virtuais. Metodologicamente, a abordagem do estudo é qualitativa, propondo uma análise descritiva através de estudo bibliográfico. Parto de autores com trabalhos consolidados no campo da pesquisa histórica e da história digital, abrindo caminho para problematizar o hipertexto como importante fonte de abordagem historiográfica.

Palavras-chave: Hipertexto. História digital. Metodologia. Fontes históricas virtuais. Internet.

Abstract: The internet has opened up a network of possibilities for historiographical work. An environment has emerged where people discuss, interpret, write and record the past. With the popularization of the internet, historians are faced with the challenge of working with virtual sources. In this field, in which traditional source analysis methodologies need to be rethought, I discuss ways of intervening in hypertextual sources. The proposal is to reflect on hypertext and its ramifications, and support the historian in the work of selecting virtual sources. Methodologically, the study approach is qualitative, proposing a descriptive analysis through bibliographical study. I come from authors with consolidated works in the field of historical research and digital history, paving the way to problematize hypertext as an important source of historiographical approach.

Keywords: Hypertext. Digital history. Methodology. Virtual historical sources. Internet.

Resumen: Internet ha abierto una red de posibilidades para el trabajo historiográfico. Ha surgido un entorno donde la gente discute, interpreta, escribe y registra el pasado. Con la popularización de Internet, los historiadores se enfrentan al desafío de trabajar con fuentes

¹ Graduado em Ciências Econômicas pela UFPR, Licenciado em História pela UNESPAR, Mestre e Doutor em História pela UFPR. E-mail: fermcoelho@yahoo.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5388337427306850>; Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0001-8790-2266>

virtuales. En este campo, en el que es necesario repensar las metodologías tradicionales de análisis de fuentes, analizo formas de intervenir en fuentes hipertextuales. La propuesta es reflexionar sobre el hipertexto y sus ramificaciones, y apoyar al historiador en la labor de selección de fuentes virtuales. Metodológicamente, el enfoque del estudio es cualitativo, proponiendo un análisis descriptivo mediante estudio bibliográfico. Provengo de autores con trabajos consolidados en el campo de la investigación histórica y la historia digital, abriendo camino para problematizar el hipertexto como fuente importante de abordaje historiográfico.

Palabras-clave: Hipertexto. Historia digital. Metodología. Fuentes históricas virtuales. Internet.

Introdução

Uma das questões metodológicas atuais na pesquisa em História é: como trabalhar com fontes nascidas virtualmente?² Não estou falando daquelas fontes digitalizadas e disponibilizadas em hemerotecas digitais, arquivos públicos, instituições públicas ou privadas, bibliotecas, pois estas fontes nasceram antes da popularização da internet, e apenas foram transferidas para o ambiente digital. Minha preocupação está nas fontes nascidas virtualmente, através de redes sociais, fóruns, blogs, Youtube, e-mails, entre tantas outras possibilidades que o mundo virtual promove.

José D' Assunção Barros distingue as fontes digitais e virtuais da seguinte maneira:

Temos de um lado, as fontes digitais; e de outro, as fontes virtuais. Podemos distinguir o primeiro grupo do segundo com a ideia de que as fontes digitais são digitalizações de fontes que existem no mundo físico (p. ex., oriundas de uma instituição que digitalizou ou microfilmou o seu acervo, e o tornou visível na Web). Já as fontes virtuais, mais propriamente ditas, são aquelas nascidas no ambiente da virtualidade. Há uma variedade muito grande delas: os blogs, sites, chats, e-mails, redes sociais com suas postagens, plataformas de compartilhamento de vídeos como o Youtube, e todo o vasto universo de fluxos e fixos que contribuem para configurar o ciberespaço (BARROS, 2022, p.73).

Percebam que existe até a dificuldade de abranger todas as possibilidades de fontes nascidas virtualmente, a cada dia surge um novo software, website, canal de vídeos, publicações e mais publicações em múltiplas redes sociais. O historiador está no meio deste turbilhão, sobretudo aqueles que se ocupam da História do Tempo Presente e da História Digital. Apesar do refinamento metodológico necessário para operar com as fontes virtuais, desde o começo do século XXI a história ou historiografia digital vem sendo desenvolvida em alguns países, principalmente nos Estados Unidos (*Digital History*), na Itália (*Storiografia digitale*), e no

² As fontes de natureza virtual, voláteis e cuja possibilidade de se preservar por longo tempo segue uma incógnita, descortinam todo um novo campo para a pesquisa em História (DE LUCCA, 2022, p.59).

Brasil³, evidenciando esforços para desenvolver metodologias e reflexões sobre a análise das fontes virtuais.

O que pretendo neste artigo é lançar uma reflexão sobre o trabalho com fontes digitais quando realizado um recorte temporal no formato transversal⁴. Isto é, quando o pesquisador decide investigar um determinado ponto e as múltiplas fontes que convergem para aquele objeto. Por exemplo, um determinado historiador deseja verificar as impressões e reações da opinião pública logo após o atentado de 11 de setembro de 2001 no Brasil. Para o sucesso da pesquisa o pesquisador irá se debruçar sobre os sites, fóruns, canais virtuais de discussão, vídeos publicados na internet, diversas teorias da conspiração, no momento ou momentos após o acontecido. Munido de fontes (nascidas em ambiente digital) o pesquisador irá refletir sobre o que tem em mãos para fazer uma análise histórica. É algo completo, pois, por mais que a pesquisa comece em um pequeno ponto, ela se ramifica numa hipertrofia de fontes surgidas através do hipertexto⁵.

Pensando nesta dificuldade, e na aparente ruptura com as metodologias de seleção e análise de fontes tradicionais, levanto o assunto e as possibilidades de trabalhar com fontes virtuais através de reflexões teóricas e propostas empíricas. A ideia é suscitar discussões acadêmicas no sentido de convergir ou não com meus argumentos, fomentando novas reflexões de pesquisadores sobre o tema e agregando conhecimento ao campo.

O desafio da pesquisa em história em meio as fontes virtuais

As fontes virtuais abrem um novo caminho para pensar metodologias para o tratamento das fontes históricas. Estamos imersos no ambiente virtual desde nossas atividades profissionais, relações sociais, entretenimento, acesso à informação e até produção de conteúdo

3 Devido ao fato de ser um campo de estudos ainda em formação, as definições são diferentes de acordo com o local de análise. No Brasil Anita Lucchesi desenvolve importantes pesquisas sobre o tema desde o seu mestrado em História Comparada na UFRJ. Outros pesquisadores também acompanham esta tendência historiográfica, como Fábio Chang de Almeida, bem como existem esforços coletivos para pensar o tema, como o livro História Digital organizado por José D' Assunção Barros.

4 A característica principal dos estudos de corte transversal é que a observação das variáveis, quer se trate de casos, de indivíduos, ou de outros tipos de dados, é realizada em um único momento (o mesmo), quando o pesquisador registra uma "fotografia" dos fatos (variáveis) de interesse e não o "filme" de sua evolução (ECHEIMBERG *et all*, 2018, p.1).

5 O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc. Dessa forma, as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas ao contrário, em ampliar a rede de significações (NOJOSA, 2012, p. 74).

na internet. O fenômeno não é novo, no entanto, o trabalho de reflexão histórico sobre novos formatos de fontes leva tempo para o amadurecimento. Não é como em outras ciências consideradas “duras”. Somado a isso temos a produção exponencial de conteúdos virtuais, e o historiador precisa de tempo para se debruçar sobre um corpo documental que cresce numa velocidade maior que o historiador pode analisá-lo. Defino nesta seção o que são fontes virtuais, elenco reflexões de pesquisadores que já se dedicam há muito tempo sobre a temática e evidencio o tamanho do desafio que é estabelecer um recorte do corpus documental.

Manuel Castells já anunciava no seu livro *A sociedade em rede*, ainda na década de 1990, que a internet mudaria a vida e a cultura da sociedade, citando a integração de diferentes mídias no mesmo sistema:

A integração potencial do texto, imagens e sons num mesmo sistema — interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global em condições de acesso aberto e de preço acessível — muda de forma fundamental o caráter da comunicação. [...] O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura (CASTELLS, 1999, p. 414).

Os pontos nodais da citação são “comunicação”, “rede global” e “interatividade”. Ou seja, estava se consolidando uma nova forma de relacionamento entre as pessoas que extrapolava os espaços físicos ou geográficos. Anteriormente, para estabelecer uma pesquisa em história, utilizando fontes tradicionais, não havia uma dispersão tão grande das informações, e multiplicidade de sistemas nos quais as fontes “brotavam”. Um exemplo, é ao analisar um blog ou as mensagens de determinada rede social, naquele espaço pessoas de lugares diferentes, inclusive países, podem comentar e expor suas opiniões livremente, com o mínimo de restrição. Enquanto anteriormente, ao analisar o espaço para as cartas dos leitores de uma grande revista, eram selecionadas algumas, e as descartadas provavelmente iriam para o lixo da editora. Notem que nos dois casos ocorre volatilidade de fontes, pois, no ambiente virtual, apesar de haver mais liberdade de publicação, o blog pode ser desativado e as mensagens extintas, mas o que muda é a característica material da fonte, pois, uma revista após ser publicada e distribuída não era modificada.

Outra questão para os pesquisadores ocupados das fontes virtuais se preocuparem são as múltiplas interpretações e revisitações ao passado feitas pelos produtores de conteúdos

virtuais⁶. Tania Regina de Luca, trata deste ponto ao alertar que a história passa por ressignificações no presente:

Se o passado não pode ser modificado, a compreensão do que ocorreu, a interpretação e os sentidos que lhe são atribuídos não são fixos e imutáveis, pelo contrário, alteram-se significativamente ao longo das gerações. Longe de serem estáticas, as interpretações sobre o passado estão sempre abertas a outras possibilidades de compreensão, o que significa que a História pode estar sempre sendo reescrita. Assim, qualquer evento pretérito pode ser revisitado, originando uma nova investigação se novos documentos ou vestígios foram encontrados e se novas perguntas – a partir de novas preocupações do tempo presente – forem feitas às fontes históricas (DE LUCA, 2022, p. 9).

A autora atenta para a mudança de sentidos na interpretação histórica. Cada geração a partir de suas experiências e cultura criam uma consciência histórica, o que faz com que analisem o passado através do presente e das suas próprias experiências. Um alerta necessário é diferenciar as novas interpretações sobre o passado do negacionismo histórico. O negacionismo não é uma reinterpretação do passado, mas sim uma falseabilidade do passado por questões ideológicas e deve ser exposto e combatido por pesquisadores comprometidos com os métodos científicos e com as ciências humanas. Como a citação diz, o passado não pode ser modificado, desta forma não é possível questionar, por exemplo, o holocausto nazista e a existência de campos de concentração durante a 2ª Guerra Mundial.

Tania Regina de Luca fala sobre a reescrita da história no presente através da reinterpretação do passado por novos documentos, questionamentos e problemáticas lançadas pelos pesquisadores. Quando historiadores utilizam as fontes virtuais ou online, surgem também novas questões metodológicas, que estão ancoradas nestes novos problemas. Roy Rosenzweig expõe como tratar de fontes virtuais modifica os processos tradicionais de tratamento das fontes históricas:

Um dos aspectos mais perturbadores e interessantes da era digital é a maneira como tumultua os arranjos tradicionais e nos obriga a levantar questões básicas que sempre estiveram presentes. Algumas delas dizem respeito ao relacionamento entre historiadores e o trabalho arquivístico. Será que o trabalho de coletar, organizar, editar e preservar fontes primárias deveria

⁶ O conhecimento histórico é dinâmico e cada geração relê, reinterpreta e reescreve o passado, que é marcado pela transitoriedade ou, para usar um termo mais preciso, pela historicidade (DE LUCCA, 2022, p. 27).

voltar a ter o mesmo reconhecimento e respeito que lhe era dedicado nos primeiros dias de profissão? (ROSENZWEIG, 2022, p. 225).

A pergunta lançada por Rosenzweig no final da citação é oportuna, e contribuiu com uma reflexão. O processo de lidar com as fontes primárias deve permanecer o mesmo dos primeiros dias de profissão, nunca deveria perder seu reconhecimento e importância. Mas surgem novos problemas metodológicos, pois, o que é uma fonte primária no ambiente digital? Ou, o que é uma fonte virtual primária? Quando um pesquisador trabalha com este tipo de fonte deve se deparar com estes desafios. Voltando ao caso do atentado ocorrido em Nova York no World Trade Center em 2001, um exemplo de fonte primária pode ser considerado os vídeos do atentado e posteriores relatos dos sobreviventes, que por sua vez são lançados na internet. Ocorre a transferência de uma fonte tradicional, a qual são os vídeos isolados de acontecimentos e relatos para um jornal online. Se antes o historiador se debruçava sobre as fitas e vídeos, agora ele precisa atentar-se para outras questões, como a interatividade das pessoas nos fóruns e blogs a respeito da reação online ao evento histórico. É complexo por parecer existir uma tendência a se perder o foco das fontes primárias, e depois fica difícil localizá-las no emaranhado de fontes virtuais. O trabalho de coletar, organizar, editar e preservar as fontes primárias, na minha opinião, continua o mesmo, mas agora o historiador deve elaborar novas ferramentas para operar.

Mas como desenvolver estas novas ferramentas? Sigo a direção de pensar primeiramente como surgem as fontes virtuais e qual sua forma de construção e disseminação. Diante deste desafio, circunscrevo o hipertexto. Giliard da Silva Prado apresenta a diferença de trabalhar um jornal digitalizado e um jornal nascido online. Isto é, um jornal no formato de texto tradicional, de um jornal formado através do hipertexto:

Há, por exemplo, uma diferença substancial entre pesquisar um jornal que foi digitalizado e um jornal que já nasceu digital. Em relação ao primeiro tipo de documento, os historiadores comumente recorrem aos mesmos métodos e técnicas de pesquisa que empregariam na análise do jornal impresso, o que faz com que, neste caso, a mudança ocorrida no tipo de suporte no qual as informações estão registradas não resulte em alterações metodológicas no trabalho do historiador. Por sua vez, o jornal nascido digital exige do historiador novos saberes e procedimentos metodológicos para que se possa realizar a crítica documental e produzir conhecimento a partir da interpretação de um tipo de fonte caracterizada pela hipertextualidade, pela interatividade e pela convergência de diversos tipos de mídias: textos, vídeos, fotografias, áudios, etc. (PRADO, 2021, p. 7).

Prado reforça a necessidade de desenvolver uma metodologia que dê conta das novas variantes que estão presentes na hipertextualidade. Se na crítica das fontes tradicionais os historiadores trabalham com elementos segmentados, isto é, vídeos e fotografias de um lado e textos do outro, e constroem a análise conectando as fontes, no hipertexto existe a convergência das mídias para o mesmo ponto. Esta convergência é que dificulta a separação entre fontes primárias e secundárias. Talvez essa reconfiguração da estrutura das fontes no formato hipertextual promova uma interpretação única, em que as fontes virtuais sejam uma só, o que diferencia é o trabalho de seleção de material pelo historiador através da eleição de um ponto focal por onde começar. Isolar a fonte no hipertexto é como encontrar a essência do objeto e suas principais ramificações, deixando outras conexões de fora, mas sem perder de vista a não-linearidade das fontes virtuais e seu formato em rede.

Pensando a estrutura no formado de raízes ou rizomas em que consistem os hipertextos, uma alternativa para pensar o formato ímpar destas fontes históricas é através das contribuições de Félix Guattari e Gilles Deleuze em *Mil Platôs*. Urbano Nobre Nojosa utiliza essa estrutura teórica para tratar o hipertexto, e parece apropriada para pensar uma metodologia com base nestes argumentos:

Numa trajetória de pensar uma filosofia para o hipertexto, em que consiga refletir e sistematizar diretrizes de ação, a ideia de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari abrange a complexidade necessária para iniciarmos um diálogo sobre os horizontes reflexivos do hipertexto, pois ambos defendem que um livro, ou qualquer produto cultural, existe como objeto de articulação ou segmentaridade, como traço de fragmentos sociais, com territorialidades, em que podemos perceber os movimentos de rupturas e tensões que decorrem também num processo de desterritorialização e desestratificação. Enfim, o livro, o texto, a escrita e qualquer objeto cultural constituem um agenciamento (NOJOSA, 2012, p. 74-75).

Refletir sobre a estrutura horizontalizada do hipertexto, consiste em visualizar uma forma de tecido, interconectado por diversas fibras. Algumas fibras são rompidas, inevitavelmente. Outra metáfora pode ser pensar o corpo humano, diariamente células nascem e morrem, tecidos se modificam e envelhecem, a estrutura do corpo humano é um contínuo, assim como o hipertexto. Os pesquisadores da saúde isolam determinadas células para análise, caso contrário seria impossível conhecer a dinâmica e o funcionamento do todo, é necessário um recorte específico, mas sabendo que aquele é um retrato isolado. Ao selecionar o segmento do tecido é como uma foto, um recorte no tempo. É como se por um instante o resto fosse

paralisado, variáveis são retiradas da interpretação, outras permanecem. Caso contrário não seria possível continuar a operação historiográfica. Penso que a metodologia histórica para com o hipertexto deve ser assim, partir de um ponto focal, de uma fonte que concentra o problema histórico (ponto de convergência), e trabalhar com as diversas interconexões que se correlacionam. Quando o ponto focal começar a ficar distante, e as interconexões se correlacionarem com outros fenômenos históricos, é onde o recorte deve ser efetuado.

A análise do hipertexto

Para pensar novas metodologias de análise das fontes virtuais é central refletir sobre a estrutura do hipertexto no qual o historiador estará debruçado. Cada hipertexto possui elementos diferenciados, porém, o pesquisador identificará o que predomina nas ramificações e pontos nodais. Podem ser vídeos, textos, áudios, websites, fragmentos de comentários e interações de usuários em redes sociais ou blogs. Esta natureza diferenciada, volátil e em transições é o que marca o hipertexto, e a tipologia de fonte varia conforme a escolha do tipo de fonte virtual.

Essa diversa historiografia é: inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente (hipertextualmente) e é divulgada na rede. As três características são interdependentes entre si, uma vez que o elemento central que constitui o ciberespaço é o hipertexto eletrônico que só se torna acessível para o grande público se estiver disponível na rede mundial de computadores (LUCCHESI, 2014, p. 50).

Neste processo de escolha da fonte virtual, o historiador deve atentar que as escolhas dos recortes e dos caminhos que sua análise está trilhando através do hipertexto denota uma característica base deste tipo de fonte. Não existe um hipertexto fechado ou definitivo, bem como cada pessoa faz suas escolhas durante suas interações na internet. Por exemplo, não é possível controlar as escolhas de leitura de um usuário e seus cliques no ambiente virtual. Apesar de uma revista física permitir ao leitor pular páginas ou começar a leitura do meio, o limite daquela fonte está circunscrito às páginas da revista. Por outro lado, na internet o hipertexto permite uma incontável possibilidade de cliques e acessos a um “mar” de conteúdos que é impossível o historiador prever ou identificar. Manuel Castells diz que “por causa da Internet, e apesar da multimídia, temos de fato um hipertexto: não *o hipertexto*, mas meu hipertexto, seu hipertexto e o hipertexto de todos os demais” (CASTELLS, 2003, p.137).

É inegável que os historiadores estão diante de um novo desafio. Como desenvolver ferramentas para tratar de uma fonte “viva”, que se modifica constantemente? A intervenção deve considerar em primeiro lugar a descontinuidade, não é possível procurar por uma narrativa linear. Anita Lucchesi aponta que:

A escrita descontínua ou fragmentada característica do hipertexto parece trazer também uma nova relação entre autor e leitor, uma vez que a interação do leitor com as fontes e com o texto inteiro poderá ser distinta da forma imaginada a priori pelo seu autor. Nesta configuração, exacerba-se a velha convenção de que cada leitura encerra uma releitura. Os leitores ficam aptos a colaborar com o texto e se tornam, em certa medida, coautores do mesmo (LUCCHESI, 2012, p. 3-4).

Na citação de Anita Lucchesi fica evidente como o hipertexto estabelece uma nova relação entre o autor do texto e sua audiência. Um texto histórico pode ser apropriado de forma diferente pelos leitores online, que estabelecem novas relações entre aquele texto e novas ramificações de leituras hipertextuais. É como se um texto se movimentasse livremente nas teias hipertextuais, quem escolhe como associar aquele texto com o hipertexto é o leitor, não o autor. Por isto que a interação imaginada pelo autor não se concretiza, o texto não está mais sob seu controle. Este processo em certa medida acontecia fora do hipertexto, mas no hipertexto o nível, velocidade e possibilidades de interação são muito superiores ao processo tradicional de escrita e leitura.

A arquitetura hipertextual das fontes, por exemplo, modifica as práticas de escrita e de leitura e estabelece novas formas de construção de sentidos ao romper com uma longa tradição de narrativas lineares tão comuns em outros tipos de fontes históricas, bem como com a rígida distinção dos papéis atribuídos às figuras do autor e do leitor. Além da interação entre os usuários da internet, sejam eles autores ou leitores, o hipertexto favorece a interatividade dos usuários com o ambiente web, possibilitando-lhes uma relação mais ativa com as informações e formas peculiares de navegar pelo conteúdo, uma vez que eles podem escolher quais links serão acessados e em que sequência isso será feito (PRADO, 2021, p.14).

Podemos pensar que cada ponto da ramificação hipertextual é um texto lançado na rede, e como uma poeira ele vai se movimentar segundo a velocidade e direção do vento. A metáfora da poeira e do vento permitem ilustrar como um texto flui na internet, a velocidade do vento é a quantidade de pessoas que procuram conectar-se com aquele texto, e a direção são os diferentes significados atribuídos nas interações. Um texto veloz (com muitos leitores online,

ou engajamento) e com uma direção de significado definida por um grupo de pessoas que utilizam aquele texto virtual com alguma finalidade específica, como, por exemplo, para defender uma ideologia política, podem representar o que chamei de ponto focal, ou fonte virtual focal.

Uma possibilidade para realizar um recorte metodológico poderia ser este ponto focal. O historiador a partir de sua experiência percebe um determinado texto como elemento de convergência de leitores, criação de significados e interpretações, e elege sua fonte virtual focal. Através dela ele explora seu entorno, verificando como outros hipertextos se conectam e contribuem para a consolidação daquele entroncamento.

Auxiliando na reflexão do desenvolvimento de metodologias históricas para trabalhar com as fontes virtuais, recorro à contribuição de Pierre Levy, na qual o autor coloca diversas possibilidades de interpretações do modelo de hipertexto. O interessante é que Levy considera princípios abstratos, o que contribui com a natureza da fonte não-linear. Enumera seis princípios, os quais discuto brevemente:

1. Princípio de metamorfose

A rede hipertextual está em constante construção e renegociação. Ela pode permanecer estável durante um certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesma fruto de um trabalho. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes destes objetos etc. (LEVY, 2010. P.15).

O primeiro princípio de Levy é a base do hipertexto, reforça o que foi discutido até aqui e dialoga com as bases teóricas trabalhadas pelos historiadores que se ocupam da História Digital. Parece simples, mas é demasiadamente complexo. Na citação Levy não fala apenas de textos, amplia para outros elementos, como traços de imagens ou de contexto. A palavra “contexto” abre um leque de possíveis análises. Como reconstruir um contexto em um ambiente virtual? Quais critérios adotar? Isto porque um hipertexto pode ser apropriado no mesmo recorte temporal de formas diferentes de acordo com seus leitores. O contexto é do leitor ou da fonte virtual? A desterritorialização dificulta a análise contextual, um ponto do hipertexto pode ser acessado de qualquer lugar do mundo, por pessoas em contextos sociais e culturais diferentes que vão interpretar aquela fonte virtual através de seus próprios contextos.

O segundo princípio proposto por Pierre Levy é o da heterogeneidade:

2. Princípio de heterogeneidade

Os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Na memória serão encontradas imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos etc., e as conexões serão lógicas, afetivas etc. Na comunicação, as mensagens serão multimídias, multimodais; analógicas, digitais etc. O processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre estes elementos (LEVY, 2010, p.15).

No aspecto metodológico do tratamento da fonte virtual focal, o historiador deve estar consciente de que encontrará diversas tipologias de fontes convergindo. Os nós são heterogêneos, ou seja, o historiador não encontrará só texto ou imagem. Será como uma nuvem de conexões de diferentes fontes que naquele ponto constituirão um significado. Caso o historiador tente voltar para a análise daquele ponto em um recorte temporal diferente, aquela “nuvem” heterogênea de conexões hipertextuais provavelmente agregará novas interpretações e significados diferentes do ponto inicial. Caso o historiador não queira trabalhar com um recorte transversal, e sim eleger uma série temporal, perceberá os movimentos daquela ramificação ao longo do tempo, que poderá perder intensidade ou convergir mais conexões para o ponto da fonte virtual focal.

O terceiro princípio é o da multiplicidade e de encaixe das escalas:

3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas

O hipertexto se organiza em um modo "fractal", ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão. Em algumas circunstâncias críticas, há efeitos que podem propagar-se de uma escala a outra: a interpretação de uma vírgula em um texto (elemento de um micro rede de documentos), caso se trate de um tratado internacional, pode repercutir na vida de milhões de pessoas (na escala da macro rede social) (LEVY, 2010, p.15-16).

Este princípio expõe uma correlação múltipla entre os hipertextos e o restante da rede. O que modifica são as escalas nas quais os hipertextos são compostos e sua potencialidade de influência. O historiador, ao se deparar com um documento de alcance macro na rede social, deve ter a percepção de que quando for analisar um elemento micro na rede de documentos, aquela interferência no nível macro pode ser sentida. Na sequência, Levy fala do princípio da exterioridade:

4. Princípio de exterioridade

A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais (captadores) etc. Por exemplo, para a rede semântica de uma pessoa escutando um discurso, a dinâmica dos estados de ativação resulta de uma fonte externa de palavras e imagens. Na constituição da rede sociotécnica intervêm o tempo toda elementos novos que não lhe pertenciam no instante anterior: elétrons, micróbios, raios X, macromoléculas etc. (LEVY, 2010, p. 16).

Não existe um ponto central na rede, ela é alimentada externamente por aqueles que constroem os hipertextos. É como se cada elemento criado assumisse uma forma orgânica no sistema. A partir do ponto que o hipertexto foi lançado na rede, ele pode agregar novas conexões, permitir que outras ramificações surjam dele, como, por exemplo, contribuições e demais textos inspirados ou convergentes. Expansão ou contração das ramificações do hipertexto conforme os interesses gerados na rede. No entanto, não existe um motor gerador de conexões, elas são espontâneas, caso um hipertexto perca suas conexões, é como se o nó ou ramificações sejam desfeitos, sem implicar em decréscimo da rede. O decréscimo não acontece porque enquanto alguns nós estão em expansão, outros estão em contração. Assuntos que hoje são mais debatidos e geram mais conexões hipertextuais podem perder o destaque daqui a um mês. O oposto também ocorre, caso existam nós com poucas conexões. Caso amanhã algo aconteça que altere a direção da produção de hipertextos em determinado sentido, novas conexões passam a existir e aumentam o emaranhado de conexões naquele nó.

Avançando para o quinto princípio, temos:

5. Princípio de topologia

Nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. Não há espaço universal homogêneo onde haja forças de ligação e separação, onde as mensagens poderiam circular livremente. Tudo que se desloca devem utilizar-se da rede hipertextual tal como ela se encontra, ou então será obrigado a modificá-la. A rede não está no espaço, ela é o espaço (LEVY, 2010, p. 16).

O quinto princípio é fundamental para o historiador entender a fonte virtual, e sobretudo sua fonte focal. Não existe hipertexto solto, ou sem conexões, quando ele é concebido suas conexões e ramificações são pré-requisito para que ele exista na rede. Como bem coloca o autor, a rede não está no espaço, ela é o espaço. Como saliento ao longo de todo o artigo, na metodologia para tratamento de fontes históricas virtuais é necessário identificar o foco ou nó, e mapear as conexões mais próximas, pois naquele espaço específico estará o recorte das fontes a serem tratadas pelo historiador.

O sexto e último princípio é o da mobilidade dos centros:

6. Princípio de mobilidade dos centros

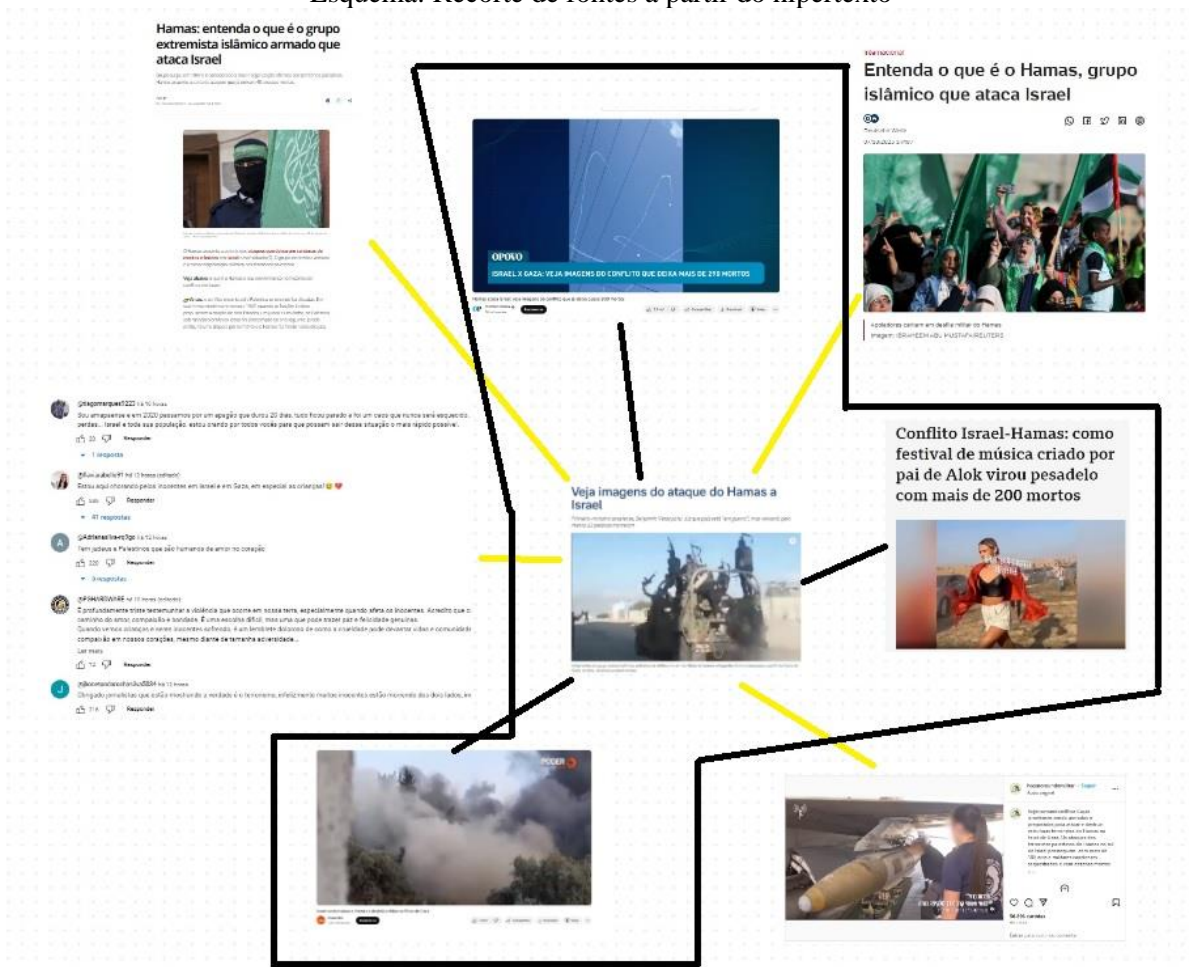
A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linhas brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com detalhes delicados, e depois correndo para desenhar mais adiante outras paisagens do sentido (LEVY, 2010, p.16).

Este princípio discutido por Pierre Levy reforça a ideia de que os rizomas não possuem um centro e sim diversos centros. Alguns pontos aglutinam mais nós e configuram centros na rede, mas eles não são únicos, possuem sua natureza fluída. O sexto princípio descreve a estrutura hipertextual do ciberespaço, uma grande rede com centros diversos e nós, em constante movimento e reconfiguração. A discussão dos princípios descritos por Pierre Levy permitiu pensar a natureza da fonte virtual e entender o ambiente em que está colocada. São questões básicas que o historiador deve estar munido quando adentrar na análise de fontes virtuais.

Exemplo de utilização do hipertexto no trabalho historiográfico

Como forma de exemplificação de como empregar fontes hipertextuais, simulo nesta seção um recorte utilizando uma temática atual, que é o conflito entre Israel e o Hamas iniciado em 7 de outubro de 2023. Pensando a proposta, fiz o recorte de notícias, imagens, vídeos e comentários apenas do dia inicial do conflito, para caracterizar o recorte transversal de fontes. No google, selecionei a opção de busca para resultados deste dia. Digamos que o objetivo do historiador é fazer uma pesquisa sobre as primeiras imagens do conflito, focando apenas em imagens e reportagens do ataque inicial do Hamas e sua repercussão na imprensa brasileira. Selecionado o tema, entra em ação a sensibilidade do historiador ao separar o que satisfaz sua pesquisa e o que é inapropriado para o objeto de estudos. No exemplo, para fins didáticos, separei oito fontes hipertextuais. Destas oito fontes, quatro são notícias de portais muito acessados na internet (G1, 2 reportagens UOL e Folha de São Paulo), duas são vídeos no Youtube, uma são comentários de um dos vídeos sobre os ataques, e uma é uma postagem em rede social (Instagram) sobre os mísseis utilizados pelo Hamas nos ataques.

Esquema: Recorte de fontes a partir do hipertexto



Linhas pretas: relação com o objeto de pesquisa.

Linhas Amarelas: relação com o núcleo, mas sem correlação com o objeto de pesquisa.

Fonte: Elaboração própria

As fontes foram dispostas no esquema no formato de rede, dando a noção de que estão espalhadas, o historiador precisa fazer as conexões para dar sentido entre elas. Foi eleita como “fonte nuclear” a imagem ao centro com a manchete “Veja imagens do ataque do Hamas a Israel”. Este é o núcleo escolhido. Utilizei linhas de duas cores para fazer as conexões com os outros hipertextos, em linhas pretas as fontes que fazem relação com o núcleo e atendem o objetivo da pesquisa, e as linhas amarelas, igualmente fazem relação com o núcleo, mas não

atendem ao objetivo da pesquisa. Eleita a fonte nuclear, todas as outras fontes fazem conexão com ela, mas nem todas vão corresponder ao objetivo da pesquisa.

Dentro das minhas escolhas através do exemplo, elegi três das sete fontes que estão na rede para fazer parte do rol de fontes hipertextuais a serem analisadas. Duas são vídeos de canais do Youtube de dois grandes veículos de mídia brasileiros, estes vídeos retrataram de forma crua imagens dos mísseis sendo atirados em Israel e a reação das pessoas em loco. São imagens impactantes e com peso histórico. Outra reportagem selecionada foi de um festival de música que estava acontecendo em Israel no momento dos ataques, e da mesma forma que os vídeos do Youtube retratam imagens impactantes do conflito com pessoas correndo em meio à destruição. De acordo com minha perspectiva, estas três fontes hipertextuais são diretamente ligadas com a fonte nuclear que guiará a suposta pesquisa: “Primeiras imagens do conflito entre Israel e Hamas e seu impacto na imprensa brasileira”.

Das fontes que não fizeram parte do recorte, duas são reportagens explicativas, muito parecidas, sobre as origens do Hamas e os motivos do impasse com Israel. São deixadas de lado pois não apresentam imagens do dia do ataque e nem se aprofundam no primeiro dia do conflito. Outra fonte deixada de lado é uma postagem do Instagram, que apresenta as bombas do Hamas, mas também de caráter explicativo. E por fim, uma série de comentários dos vídeos do Youtube selecionados. À primeira vista estes comentários poderiam ser utilizados, mas foram deixados de lado pois o objeto da pesquisa fictícia são apenas notícias e imagens. Por exemplo, se a pesquisa se estendesse para o impacto das notícias nos leitores, neste caso os comentários poderiam fazer parte das fontes selecionadas.

O objetivo desta seção foi demonstrar como o trabalho historiográfico de seleção de fontes em ambiente virtual pode ser operacionalizado, através de uma pesquisa fictícia demonstrei a seleção da fonte nuclear, exemplifiquei que nos ramos do hipertexto todas as notícias fazem relação com o núcleo, mas diante do recorte, cabe ao historiador selecionar as que compõe o sentido da pesquisa. Existem outras conexões entre as fontes fora do recorte estabelecido, como explicado, o exercício é apenas didático, além das fronteiras da seleção de fontes existe uma infinidade de outros hipertextos em movimento. A questão chave foi demonstrar a “foto” do momento do recorte transversal, ou seja, publicações do dia 7 de outubro de 2023, e suas ramificações que começaram a surgir no ambiente virtual e como o historiador pode “capturar” este momento e propor um objeto de pesquisa a partir dele.

Conclusão

Existe a emergência de discutir métodos para pensar, recortar e analisar o conteúdo das fontes históricas virtuais. Discorrendo sobre as múltiplas possibilidades de trabalho metodológico utilizando as ferramentas da História Digital, refleti ao longo do artigo sobre como localizar os nós ou entroncamentos de hipertextos que podem servir para pensar os problemas historiográficos. Diante do que foi exposto, avalio que esta metodologia funciona melhor para tratar de recortes temporais transversais, ou seja, um período temporal específico. Quando se amplia o recorte temporal da pesquisa, o trabalho do historiador vai se tornando cada vez mais complexo na medida que deve considerar as constantes mobilidades das fontes históricas virtuais e o aumento das variáveis. O recorte transversal é como trabalhar uma foto, o tempo está congelado naquele momento, e o historiador deve perceber as conexões e nós que atribuem sentido ao que está acontecendo na foto. A ideia de um recorte temporal mais amplo usando fontes virtuais é como se o historiador utilizasse várias fotos do mesmo ambiente, só que com uma paisagem em constante modificação. Por isto o argumento da complexidade da análise quando existem recortes temporais maiores devido à dificuldade de manter o foco da pesquisa.

Considerando a rede de hipertextos que compõe o ciberespaço, o historiador deve promover diálogos e triangulações de fontes hipertextuais. Mas como? Iniciando com uma fonte “focal” e identificando as conexões entre as fontes conectadas ao foco através do rizoma. Cada um constrói seu hipertexto, logo o historiador deve fazer o mesmo exercício, criando nexos para sua pesquisa através da operação de seleção de fontes através do hipertexto. A sensibilidade e experiência do historiador são primordiais, pois neste modelo de análise não-linear de fontes, exige-se um cuidado maior para não se perder no emaranhado de fontes virtuais que irá se deparar. O desafio é não perder o “fio da meada”.

Referências

BARROS, José D’Assunção (Org.). **História Digital: a historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação**. vol.1. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexão sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DE LUCA, Tania Regina. **Práticas de pesquisa em história.** São Paulo: Contexto, 2022.

ECHEIMBERG, Jorge de Oliveira; LEONE, Cláudio; ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, Juliana. **Tópicos de metodologia de pesquisa: estudos de corte transversal.** J. Hum. Growth Dev. vol.28 no.3 São Paulo set./dez. 2018. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v28n3/pt_17.pdf Acesso em 06 de junho de 2023.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** 2ª ed. (1ªEd. 1993) Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUCCHESI, Anita. Do texto ao hipertexto: notas sobre a escrita digital da história no século XXI. In: **VIII Jornadas de Historia Moderna y Contemporánea. Encuentros entre la política, la economía, la cultura y la sociedad.** 2012. Disponível em:
https://www.academia.edu/2310972/Do_texto_ao_hipertexto_notas_sobre_a_escrita_digital_da_hist%C3%B3ria_no_s%C3%A9culo_XXI Acesso em 05 de junho de 2023.

LUCCHESI, Anita. **Por um debate sobre História e Historiografia Digital.** Boletim Historiar, nº02, mar./abr. 2014, p.45-57.

NOJOSA, Urbano Nobre. **Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto.** In: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital.** São Paulo: Contexto, 2012.

PRADO, Giliard da Silva. **Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet.** Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021

ROZENWEIG, Roy. **Clio Conectada: o futuro do passado na era digital.** Trad. Luís Reyes Gil. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

Recebido em: 11 de junho de 2023

Aceito em: 13 de outubro de 2023
